

# Geografias das Representações Sobre o Homoerotismo

## *Geographical Representations About Homoeroticism*

**Benhur Pinós da Costa**

Dep. Geociências / PPGG

Universidade Federal de Santa Maria

pinos@portoweb.com.br

### **Resumo**

A convergência e a divergência entre ideias socialmente construídas sobre o homoerotismo e as práticas (sexuais, afetivas, relacionais) dos sujeitos orientados para o mesmo sexo ocorrem de forma simultânea. A convergência se apresenta em relação às representações sociais criadas para identificar, moralizar e disciplinar os desejos homoeróticos. As divergências remetem a transgressão, a espontaneidade das expressões e a realidade múltipla das singularidades homoeróticas existentes. A dialética se estabelece na construção das subjetividades e nas diversas formas dela se objetivar perante as relações sociais e culturais (no espaço público e nos grupos e/ou agregações diretas estabelecidas no cotidiano, respectivamente). A condição sine qua non de emergência dessa dialética é o território. O território significa a 'brecha' por entre o espaço público normatizado, ou agregações informais, nas quais sujeitos negociam representações sobre si mesmos e estabelecem moldes culturais práticos para suas relações. Porém não é exatamente território, mas a microterritorialização: 'micro', pelo muito pequeno espaço físico que ocorrem, 'ção' pelo caráter de construção, de efemeridade, de instabilidade de sua realização.

Palavras-Chave: Homoerotismo; Território; Representações Sociais.

### **Abstract**

The convergence and divergence between socially constructed ideas about homoeroticism and practices (sexual, emotional, relational) of subjects geared towards the same sex occur simultaneously. The convergence is presented in relation to social representations created to identify, raise and discipline their homoerotic desires. The differences refer to transgression, spontaneity of expression and to the reality of the multiple homoerotic singularities. The dialectic is established in the construction of subjectivity and the various ways it is objectified in the face of social and cultural relations (in public and in the groups and/or direct aggregations established everyday, respectively). The sine qua non of the emergency of this dialectic is territory. Territory means the "gap" inside the normalized public space, or informal aggregations, in which subjects negotiate representations of themselves and provide practical templates for cultural relations. But this it is not just territory, but microterritorialization: "micro", due to the very small space in which they occur, "-tion" by the character of construction, ephemerality, instability of their achievement.

Keywords: Homoeroticism; Territory; Social Representation.



## Introdução

Este texto apresenta uma discussão teórica sobre a relação entre cultura, representações sociais, homoerotismo e território. O interesse é teorizar sobre a necessária territorialização dos encontros homoeróticos no espaço urbano, em virtude da construção de culturas, ora desviantes, ora alternativas, que afirmam identificações sobre a diversidade de indivíduos e desejos homoeróticos. Os territórios homoeróticos representam a apropriação de partes do espaço urbano no qual tais sujeitos podem exercer práticas homoafetivas. Essas territorializações se relacionam a produção de representações sociais que definiram, no processo histórico, as origens do desvio social. Essas representações são cambiantes na história das significações dos desejos homoeróticos e, por isso, acabam produzindo configurações territoriais também cambiantes, nos seus processos e formas. Procuramos, assim, fazer as relações entre as significações sociais do 'homoerótico', no decorrer do tempo, e os processos territoriais urbanos que os dão condição (ou transgressora, ou desviante, ou alternativa) de suas existências.

## Da Condição Homossexual ao Sujeito Homoerótico

Costa (2002 e 2008) discute sobre a formação da condição homossexual como a emergência de uma identidade vinculada aos processos de organização dos sentidos e comportamentos humanos, que estão inseridos nos estabelecimentos e instituições compreensivas sobre o 'si' e o 'social' nos processos de modernização.

Mott (1998) argumenta sobre o fim da Santa Inquisição como marco em que os perversos e invertidos sodomitas deixam de ser perseguidos e sacrificados para comporem uma identificação racional, emergente da medicina e psiquiatria moderna, que estudaram o corpo e os comportamentos humanos. Surge a homossexualidade e a heterossexualidade como construções teóricas que fazem convergir corpos, produzem entendimentos sobre o si e sobre a sexualidade humana, de forma polarizada (como os estudos da médica húngara Caroly Benkert em 1869). Em relação à heterossexualidade estabelecem-se os papéis de gênero sexual (BUTLER, 2003) que irão servir como normativas aos comportamentos e atividades do homem e da mulher e que estão relacionados às origens dos preconceitos e discriminações a homossexuais, ou seja, homens e mulheres desviantes das condições de gênero. A medicina, a psiquiatria, a literatura e as ciências humanas (vide GIDE, PROUST & WILDE) alongam-se num desafio de explicar os atributos que iriam compor um ser homossexual, seus desejos, seus comportamentos, suas inclinações, aspirações e perturbações. Como diz Foucault (1998), desde os finais do século XIX, não se calou a respeito de sexo, mas tagarelou-se, no intuito de condicionar os desejos humanos a formas reais e inteligíveis aos projetos de organização social modernos.

No entanto, essa tagarelice mais serviu para a visualização de múltiplas (in)definições sobre a constituição do ser homossexual. O relatório Kinsey procurou entender a diversidade sexual dos norte-americanos em 1948, produzindo uma tabela com dez classificações quanto ao número de experiên-

cias sexuais das pessoas entrevistadas para com o mesmo ou para com o sexo oposto, o que se abriu a um 'meio' variado entre as polarizações dos seres homossexual e heterossexual. Sandor Ferenczi (COSTA, 1992) já propunha nos finais do século XIX o termo homoerotismo, que se refere mais a instabilidade e variabilidade dos desejos para com o mesmo sexo do que uma condição existencial consistente, rígida e duradoura que representa a homossexualidade e a heterossexualidade.

Mesmo assim, a polarização empregna o ser sexual, o fazendo acreditar nessa polarização, mesmo que em sua história de vida sexual isso seja efetivamente incompreensível. Ocorre a formação de um território teórico que invade a psique coletiva e gera uma força relacional que vigia os comportamentos alheios e os forçam a revelar sua posição polar quanto à sexualidade. Popularmente o ser homossexual deriva-se em (pré)conceitos estigmatizantes e discriminatórios que irão condicionar as pessoas desde a infância (bicha, veado, boiola, machuda, sapatona, etc).

Estabelecidos mediante significação estigmatizada, os encontros homoafetivos ocorrem camuflados em espaço público, como veios de trajetos de circulação e deriva e pontos de interação, como rizomas quase que imperceptíveis (DELEUZE, 1996). Em primeiro momento, indivíduos orientados para o mesmo sexo se misturam por entre a boemia que se forma na noite das grandes cidades, transitando por entre bares e espaços dançantes, como retrata bem o filme 'Madame Satã'. Em segundo momento, em virtude aos movimentos culturais emergentes e a visualização da oportunidade mercadológica de criação de bares destinados mais exclusivamente a homossexuais, organizam-se, nas grandes cidades, redes de lugares comerciais de encontros homoeróticos nos quais, pelo caráter de reunião e coletivização de prazeres, dores, estéticas, assuntos e cotidianos, produzem uma cultura singular, territorializada na noite urbana (de guetos gays).

A cultura gay toma forma e tem seu marco em Stonewall Inn (1969), que significou a reação de homossexuais à batida policial contra o uso de bebidas alcoólicas, proibidas a eles naquele período. Tal evento estimula a emergência de um novo modelo de vida urbana, o gay, que deveria ser valorizado por todos indivíduos orientados para o mesmo sexo, na busca da visualização e na luta contra o preconceito. Desde então se fez necessário a atitude de 'sair do armário', como uma postura de assunção de uma identidade em face da necessidade de alterar sua condição de estigma num meio social heteronormativo. Desde então, emerge o movimento gay com seus propósitos de inclusão cultural e luta pela cidadania. Nos anos 70 e 80 aparecem inúmeros estabelecimentos comerciais destinados ao encontro e consumo de um público gay, assim como um movimento artístico que tem como bases, estimulam e tornam divulgados, elementos das práticas culturais gays dos lugares de convivência gay. Tanto a publicidade como a economia/arte da música, impregnada de propostas estéticas, principalmente após o aparecimento do vídeo clipe, nos anos 80, induzem certas condições e práticas unificadas as pessoas orientadas para o mesmo sexo, num movimento que vai dos lugares de convivência homoeróticos para a uma cultura de mídia massificante gay, assim como da cultura gay para os diversos lugares de convivência homoerótica, sempre

tendo como centro de dispersão mundial as práticas encontradas nos lugares de convivência gay das grandes cidades dos EUA. O dinamismo do mercado cultural norte-americano torna difundido suas condições homogeneizantes. Tais condições apresentam-se como abstrações e/ou sínteses e/ou generalizações da multiplicidade expressiva encontrada nos lugares de convivência homoerótica. Tais abstrações/sínteses/generalizações tornam-se verdades quando divulgadas pelo colorido atrativo da mídia e acabam tornando-se identificadas/identificadoras de sujeitos orientados para o mesmo sexo em interação grupal, causando, assim, um sentimento de unidade em relação determinadas práticas culturais.

Esse contexto reforça a territorialização homoerótica nos bares e boates das grandes cidades, cujos eventos precursores temos a cultura disco norte-americana, dos anos de 1970, e da 'Meca Gay Studio' 54, em Nova Iorque. A cultura gay (PARKER, 2002) vai propor um novo modelo ao mundo heteronormativo, representado pela energia da dança e da descontração, na variabilidade e experimentação das estéticas de gênero, não se importando com o caráter do corpo e do sexo, a ironia e a valorização do estranho, o deboche e o sarcasmo, o sexo casual e descomprometido com a instituição matrimonial e procriação, o colorido e o exagero de expressão, o culto a música dançante, ao desfile de moda e as divas da disco music.

Nos anos 80, a cultura gay norte-Americana se transnacionaliza (PARKER, 2002) e toma formatos diversos nas grandes cidades do mundo inteiro. Os bares e boates gays apresentam-se como uma oportunidade de expressão dos desejos orientados para o mesmo sexo e acaba se impregnando de uma cultura/território de consumo. A AIDS nos anos 80 (LOURO, 2001) apresenta-se a sociedade como uma 'doença gay' e isto repercute, ao mesmo tempo, ao rompimento de uma pretensa unificação de um modelo cultural gay alternativo a grande sociedade. Desde então se amplia as oportunidades de expressão do desejo homoerótico, como rizomas existenciais e materiais (por entre o espaço público e por entre eventos festivos noturnos) que ora se aproximam ora se afastam ao caráter de uma qualidade de ser gay e de uma cultura gay unificada. O gay se transforma em experimentos variados e pastiche (BRAGA JUNIOR, 2006) e é abarcado pela mídia, a literatura e as ciências sociais, ou seja, a Teoria Queer (cujo significado mais provável é estranho), ou algo que rompe as classificações, não aceitando nenhum tipo delas. A relação entre desejo homoerótico, comportamentos, expressões estéticas, ações, formas coletivas e formatos territoriais se variabilizam muito. As próprias paradas gays, expressão máxima de Stonewall Inn, da vontade de 'sair do armário' e ganhar o espaço público, mais é um evento condicionado pelo experimento, pela variabilidade de expressões corporais e de interesses afetivos, estéticos e sexuais que a evidência de existência da proposta de uma unidade alternativa gay.

Hoje percebemos ainda a necessidade de territorialização dos encontros homoeróticos, mas os formatos territoriais apresentam-se mais como rizomas diversos por entre regiões singulares do dia e da noite das grandes cidades. O gueto gay se diversifica esteticamente e abre-se ao experimento dos diversos sujeitos que se apropriam de entendimentos variados quanto aos seus desejos e suas relações a uma sociedade hete-

ronormativa. Emergem sim os sujeitos homoeróticos como condições híbridas variáveis e múltiplas entre os seguintes aspectos: as condições heteronormativas e de gênero, impostas em meios familiares e profissionais; as propostas também unificadoras de uma cultura gay alternativa; a diversidade de reuniões e misturas culturais pós-modernas, nos quais se apresentam oportunas as experiências afetivas para com o mesmo sexo. A isso ainda emergem microterritorializações (COSTA, 2007) efêmeras a tais projetos múltiplos de reunião homoerótica, como formas rizomáticas que hora ativam-se, ora desativam-se, cujos sujeitos transitam e alteram-se constantemente, em suas formas estéticas e interesses/aprendizados/desejos subjetivados e objetivados, causando uma constante hibridização em virtude da oportunidade variável de experiências relacionais.

### A Emergência da Homossexualidade – da Perversidade ao Desvio – dos Rizomas às Territorializações Gays

Segundo Mott (s/d), a ideia cristã da queima de Sodoma e Gomorra pelos poderes de Deus, no intuito de exterminar a perversidade e a promoção dos desejos sem limites, representa uma das grandes histórias que permeia o imaginário social desde a Idade Média até os dias de hoje. Abraão e Sara foram guiados por Deus a saírem da cidade de Gomorra e, embora o casal fosse infértil, após seu deslocamento a Harã, Isac nasce. Assim, os povos descendentes de Abraão, os cristãos, judeus e mulçumanos, adotam uma postura pró-natalista e um projeto civilizatório regulado pela nova religiosidade monoteísta contra o paganismo. Desde então as relações homoeróticas são perseguidas em virtude de desperdiçar o sagrado sêmem masculino e não culminar na procriação. Em relação a isso, segundo o autor, o lesbianismo foi ignorado perante esta cultura, pois a atenção especial se apresenta em relação ao desperdício do sêmem masculino. A libido também converge especialmente à procriação, representado fortemente pela situação do nascimento de Messias, nascido da Virgem e da condição de um casal unido exclusivamente para criar o Salvador. A Santa Inquisição vai também proibir terminantemente a penetração pelo 'vaso trazeiro'. Muitos processos inquisitoriais, inclusive no Brasil, segundo Mott (s/d), se referem à cópula 'à moda de Sodoma' (sexo anal). O autor nos faz remeter ao Brasil colonial e a confissão do cônego Jacobe de Queiroz, em 1591, que confessou sua relação com uma mameluca de Itapoã, de 7 anos de idade, pelo vaso trazeiro. O crime se apresentava pelo ato sexual anal e nenhum momento pela relação pedófila estabelecida.

Segundo o autor, o ódio aos 'sodomitas' se generaliza na Europa a partir do século XIII, em virtude de São Tomás de Aquino (1225-1274), que os condenou a morte pelo fogo. Antes disso São Pedro Damiani (1007-1072) escreve o Livro de Gomorra e condena ferozmente as práticas homoeróticas e de cópula anal. Eles vão provocar uma perseguição e uma reforma drástica nos comportamentos sexuais da época, em que, por exemplo, São Bernardino de Senna (1380-1444), costuma afirmar que Floresça era pior que Sodoma e Gomorra, e que a Toscana tinha a mais baixa população do mundo

em virtude do vício e do pecado da Sodomia (MOTT, s/d).

Reconhece-se que a documentação da Inquisição Portuguesa sobre a homossexualidade relativamente aos séculos XVI, XVII e XVIII representa o maior acervo que se tem notícia em todo mundo, cobrindo por volta de 50 mil folhas manuscritas, que incluem mais de 4 mil denúncias registradas em grossos índices intitulados 'Repertórios do Nefando', além de 20 polpudos 'Cadernos do Nefando' com mais de 500 folhas cada um, referentes aos tribunais de Lisboa, Évora e Coimbra. A pérola mais preciosa deste rico acervo é uma coleção de aproximadamente 500 processos de sodomitas que foram efetivamente presos e sentenciados, dos quais 30 terminaram seus dias queimados nas fogueiras dos Autos de Fé. (MOTT, s/d)

Ao final da Santa Inquisição no início do século XIX, os desejos homoeróticos vão ser convertidos a identidades sexuais pradronizadas e polarizada que procuram organizar e entender cientificamente o comportamento sexual humano. Costa (1992) remete a Kraft-Ebing, que, em seu livro 'Psychopathia sexualis', desenvolve, com base no evolucionismo e no positivismo naturalista do século XIX, noções de ordem e desvio naturais, classificando todas as aberrações e anormalidades sexuais. Kraft-Ebing também estabeleceu uma distinção entre os 'normais', que copulam com pessoas do mesmo sexo, e os 'perversos', que somente se excitam com partes do corpo de pessoas (assim como de animais), sem ter compromisso de reprodução. Entre essas duas classificações identifica os 'invertidos', que só sentem desejos por pessoas do mesmo sexo. Em 1869 a médica húngara Karoly Maria Benkert cunha os termos 'homossexual' e 'heterossexual', tornando polarizada a sexualidade humana. Em virtude do peso histórico que caracteriza os indivíduos orientados para o mesmo sexo como anormais, perversos e bestiais, os comportamentos homossexuais vão constituir o pólo desviante que deverá agora ser curado pela ciência médica. Os processos de discriminação flutuam entre a perseguição e pecado a possibilidade de identificação de uma doença (que vai constituir um estigma ao indivíduo) e esforço científico e individual de cura. Os desviantes terão um modelo seguro a seguir, ou seja, o padrão heteronormativo para constituição de uma 'sociedade sadia', que faz parte do modelo familiar moderno constituído por papéis e comportamentos delimitados do homem e da mulher.

Em relação às esses determinantes históricos, os indivíduos orientados para o mesmo sexo sofrem, primeiramente, perseguições e, posteriormente, discriminações, em virtude do estigma que carregam. Cotidianamente estabelece-se uma vigilância orgânica em meios de convivência social, que são balizadas pela possibilidade de eventos homofóbicos violentos que, muitas vezes, são plenamente aceitáveis e banalizados, devido ainda a ideia de desvio que a homossexualidade mantém. Nesse sentido, em relação aos comportamentos individuais, os atributos, paixões e desejos homoeróticos devem ser velados e camuflados em relação às demais pessoas e contextos sociais diversos. Até o século XIX teremos a pré-história de um mundo urbano moderno, cujas cidades emergentes, na passagem de um mundo agrário e semi-feudal europeu, se

apresentam pelo apinhamento populacional e pela confusão organizacional, dando possibilidade à diversidade de reuniões, agregações culturais e fazendo-se fluir e estabelecer-se os desejos humanos mais diversos por entre as vielas e becos escuros e sujos (LEFEBVRE, 2001; GOMES, 2002). As reformar urbanas, vide as reformas urbanas de Paris por Hausmann, em meados do século XIX, e a reforma Pereira Passos no Rio de Janeiro, nas proximidades da primeira década do século XX, organizaram os sítios urbanos, segmentando espacialmente as classes sociais, tornando fluida a cidade, pela abertura de grandes avenidas (planejamento dos transportes e circulação), instituindo hospitais, escolas e prisões para o tratamento psico-social-educacional da população (FOUCAULT, 1984; 1993), segundo os moldes do racionalismo moderno e/ou reformismo racional (WALLERSTEIN, 1995). Essas ações objetivas se relacionam ao estabelecimento de uma cultura dominante, pela instituição da família nos moldes burgueses, da escola e do trabalho formalizado (GIDDENS, 1993), baseada nas condições lógicas do bom senso, dos comportamentos e papéis sociais moralmente aceitos, da ética do trabalho, desenvolvimento e promoção pessoal em meios sociais, regido pelo mundo da concorrência livre, mas organizada pela moral e bons costumes, nos moldes da ética protestante (WEBER, 1995).

O cotidiano é produzido e produz o ator social por um conjunto de scripts de interpretação vinculados aos papéis e cenários sociais a serem bem e certamente desempenhados (GOFFMAN, 1996). É nesse contexto que efetivamente vamos ter a produção do espaço público moderno, ou o nomoespaço de Gomes (2002), estabelecido por um conjunto de regras morais de comportamento nos quais as pessoas se vigiam mutuamente, assim como por uma estrutura espacial e institucional que determina os movimentos e reuniões sociais. No entanto, em virtude da modernidade efetivamente não se completar em seus propósitos organizacionais (TOURAINNE, 1994) e constituir-se somente de 'veios' de organização da 'fumaça' da imprevisibilidade das diversas ações individuais e das múltiplas formas culturais orgânicas das reuniões e agregações nos 'cantos' das grandes cidades, numa relação de conflito entre redes de modernização que tentam se efetivar e conformações espontâneas que as burlam e as definem como uma forma híbrida entre rigidez organizacional e confusão orgânica (MUSSO, 2004; DE CERTEAU, 1994), podemos observar uma relação dialética espacial da matriz nomoespaço e da matriz genoespço (GOMES, 2002). A primeira apresenta-se como a relação entre função e moral que imprime formas, normas e ideais que regem os atores sociais em relação ao bom senso e determinantes sobre o si e os outros, a segunda apresenta-se pela fuga e pela espontaneidade das reuniões dos sujeitos sociais que questionam os determinantes sobre o si e espontaneamente tornam emergentes outros formatos e sentidos críticos sobre a relação entre a sociedade e seus interesses/necessidades/desejos subjetivos.

A objetividade das ações pessoais acabam não sendo determinadas pelo bom senso moral e pela opressão do bom funcionamento e da estrutura espacial, mas algo que se refere a dialética dessas determinações e das subjetividades questionadoras e da emergência de desejos íntimos que, pela força das



agregações espontâneas e sem propósitos funcionais, ou força estética (MAFFESOLI, 2002), produzem outros formatos espaciais e conformações culturais orgânicas que se afastam da pretensa organização racional da sociedade. Assim vamos ter mais um espaço social que se produz em torno dessa dialética e hibridismo complexo de formas, conteúdos coletivos e sentimentos, do que uma sociedade organizada.

Os indivíduos orientados para o mesmo sexo carregam um estigma (GOFFMAN, 1988) e são forçados a cumprir um script moral e funcional em meios urbanos que diverge de seus sentimentos sobre o si. A tais indivíduos é negado o espaço público, mas é em virtude da incompatibilidade com o espaço público normativo com uma série de desviantes sociais, que sua própria forma e vivência são transformadas e combatidas. As incompatibilidades são tantas, entre elas a incompatibilidade do homoerotismo, que os indivíduos assumem uma postura de intimismo perante o espaço público (SENNET, 1998), primeiro pela frieza das relações formais regidas pelo mercado e trabalho, o valor de troca assumindo o caráter das relações humanas, ou a reificação (GOLDMANN, 1979), segundo pela impossibilidade da subjetividade desejante ser objetivada em espaço público. O que é objetivado é a relação entre os determinantes funcionais, educacionais e morais, que antes é subjetivada, desde a infância do indivíduo, para tornar-se depois a objetivar-se em sociedade, numa estrutura e funcionamento das relações sociais pré-determinadas (BERGER & LUCKMANN, 2002).

O resultado disso será efetivamente a regressão do homem público (SENNET, 1998) e 'privatização' dele (GOMES, 2002): primeiro o espaço público torna-se um deslocamento intimista (pelo caminhar individual fechado e pelos poucos contatos do espaço que é mais de fluxo do que de reunião: os homens e mulheres estão próximos fisicamente, mas distantes e perdidos em suas intimidades, somente estabelecendo relações frias reificantes determinadas pelo mercado, trabalho e mascaradas/interpretadas pela moral). Segundo, por entre meios sociais intimistas, racionais e reificados, táticas (DE CERTEAU, 1994) de sujeitos em busca de coletivização e aproximação espontânea e desejantes ('quentes') produzem localismos ou reuniões expresso pelo 'aqui' e 'agora' estético - sem propósitos funcionais ou reificados, mas pela afetividade e sexualidade - (MAFFESOLI, 2002) que acabam tornando singularizada uma parte do espaço público. Esta parte não é mais espaço público, mas é tornada uma microterritorialização (COSTA, 2002; 2007; 2009) regida por uma potência orgânica desejante (MAFFESOLI, 2002) e estabelecida por táticas da objetivação de desejos autênticos íntimos dos sujeitos que burlam as estratégias organizacionais formais (DE CERTEAU, 1994). Aquilo que é proibido, discriminado e estigmatizado socialmente e em espaço público (regrado e moralizado), torna-se então elemento de regressão e combate quanto os determinantes do próprio espaço público, fazendo-o regredir e transformando em uma série de reuniões quentes localizadas, ou microterritorializações das dialéticas entre regras e desvios modernos (COSTA, 2007) e da complexidade de suas formas e sentimentos expressos na realidade urbana.

É nesse sentido que os desejos homoeróticos são estabelecidos a partir de sujeitos derivantes por entre o espaço

público, ora em condições de pouca frequência populacional, em ruas mais escuras da noite, parque, praças e praias, ora justamente em lugares cuja concentração populacional é alta e nos quais as experiências homoeróticas se estabelecem em nos 'cantos' e 'recantos' de forma camuflada e sutil, como nos banheiros públicos, como na deriva atenta e na paquera por entre a multidão, fato que constrói trajetos e pontos de parada e contato sobrepostos aos corredores de circulação e aos lugares mais comuns das tarefas outras cotidianas, cujas interações homoeróticas nem são vistas e percebidas por aqueles que não se interessam a elas.

As derivas acabam se constituindo por trajetos mais conhecidos, como rizomas (DELEUZE, 1996), cujos encontros acabam sendo menos imprevisíveis e os sujeitos os traduzem em mapas de possibilidades mais certas para paquera e afetividade homoerótica. Por entre eles, lugares se produzem como que por tênues apinhamentos (TUAN, 1980), cuja presença/existência da agregação gera conforto ao indivíduo, principalmente em relação à paquera bem sucedida e a maior segurança em estar se paquerando outro indivíduo inclinado as experiências homoeróticas, tornando menos provável atos homofóbicos e discriminatórios, muito comuns neste tipo de situação.

Das derivas aos processos tênues de apinhamento e agregação partimos para as microterritorializações das práticas, desejos e afetividades homoeróticas. Certos lugares da cidade se tornam, em determinados horários, no dia e na noite, quase que exclusivamente frequentados por sujeitos inclinados para o mesmo sexo. Muitos deles se transformam em verdadeiras orgias sexuais, como em muitos banheiros públicos, praças, parques e praias, e cuja territorialização se torna consolidada, porém não evidente. A noite e a boemia urbana acabam sendo contextos focados pelas práticas homoeróticas, uma vez que, em virtude da circulação de uma diversidade de outros 'desviantes sociais', as condições de interações se tornam mais permissíveis e afastadas dos regramentos morais contidos nas instituições sociais familiares, das relações do espaço público, do trabalho e outras afetividades/informalidades condicionadas aos papéis de gênero. Ao mesmo tempo em que a permissividade é agradável e torna segura a liberdade afetiva do indivíduo, ela também se apresenta perigosa em relação ao contato direto com outros 'transgressores' que não somente são 'transgressores quanto aos determinantes sociais', mas buscam oportunidade de lucro rápido e oportunismos financeiros que acabam gerando atos de violação pessoal pelo roubo, extorsão, furto, atentado e violência. Atos de bandidagem se misturam com oportunismos lucrativos envolvidos com a sexualidade e com a homofobia, tornando a deriva homoerótica uma atividade necessária, em virtude a impossibilidade de visibilidade social dela, mas muito insegura quanto à vida desses sujeitos.

Por entre esses contextos noturnos vai se construir um mercado de lazer, movido pela necessidade afetiva humana de conversar, paquerar, fazer amizades, divertir-se (rir, abraçar, movimentar-se e agregarem-se aqueles 'desconhecidos' que possam ouvir e entender os dramas mútuos da vida). Aos bares noturnos convergem sujeitos derivantes e fugitivos das determinações das instituições sociais 'normais' e do espaço público regrado e intimista. No entanto, as relações afetivas

contidas neles também são regradas pelos determinantes heteronormativos, e, por outro lado, ainda persistem, além do fechamento territorial interativo, as derivas e formações rizomáticas homoeróticas, produzidas pela sutileza e espreteza camuflada dos contatos.

Anterior a um movimento mundial de liberação das diversidades culturais e sexuais, nos finais dos anos de 1960 e ao longo da década de 1970, cujo marco é os movimentos culturais concentrados nas passeatas estudantis de 1968, em Paris (WALLERSTEIN, 1995), alguns comerciantes das áreas urbanas de diversão, transgressão, informalidade e permissividade noturna urbana, observam a necessidade/opportunidade lucrativa de se construir lugares de diversão e consumo destinados exclusivamente a indivíduos inclinados afetivamente ao mesmo sexo. Alguns bares noturnos discretos, assim, acabam tendo a frequência exclusiva homoerótica (PARKER, 2002). A agitação da conversa e o movimento de vai-e-vem é convidativo e caracteriza as interações pelo ato de dançar que aproxima corpos e faz esquecer compromissos e problemas pessoais. Aos poucos, nas grandes cidades, se forma uma proto-rede espacial original nos quais a cultura gay norte-americana irá transbordar e fazer surgir a imaginação de uma comunidade. O evento de Stonewall Inn torna-se unificador de um sentimento de resistência as discriminações e de emergência de um segmento social novo, que agora realmente se evidencia como existente em todos outros contextos urbanos do mundo moderno.

O ano de 1970 gera-se o movimento publicitário/artístico/cultural da música eletrônica dançante, a disco music, que vai embalar a vida noturna norte-americana, cujos personagens, músicas e materiais publicitários invadiriam muitas das cidades grandes mundiais. O palco desses acontecimentos será aquela rede original de bares e de boates com frequência gay, agora reforçados a possibilidade de existência e a singularidade pelo discurso étnico de Stonewall Inn (LOURRO, 2001), da força da identidade gay e da necessidade de assumir-se como força anti-homofóbica. Forma-se assim uma rede de bares e boates gays, cujas culturas estabelecidas ali se tornam formas/comportamentos unificados mundialmente, cujo elo norteador e de expansão é aquilo que acontece nestes bares nos EUA. É nesse contexto que ocorre uma transposição do formato de deriva rizomático homeorótico para a micro-territorialização em pontos de uma rede espacial/circuito gay, que perdura pela segurança de divulgação identitária individual e pela oposição a insegurança da deriva por entre a rua e a bares boêmios regidos por sentimentos e interações heteronormativas e homofóbicas, misturadas por entre outras transgressões e formas de bandidagem. Esses perigos, por outro lado, também são evidências rizomáticas por entre os lugares e redes de frequência homoerótica (as microterritorializações de bares e boates). No entanto, o caráter da maioria que se protege mutuamente torna menos evidente tais eventos marginais em estabelecimentos gays.

Nos bares e boates gays são territorializados/delimitados e tornados escondidos as afetividades homoeróticas transgressoras em espaço público. Isso funciona como força do mercado a criar um elemento social consumidor e como força social em tornar territorializada um comportamento

desviante. Isso faz perder sua força transgressora e de transformação social, ou seja, a territorialização/guetificação gay limpa a sociedade e o espaço público dessa transgressão que almeja, como potência (MAFFESOLI, 2002), uma transformação dos modelos heteronormativos. Nos bares gays o problema se produz pela impossibilidade de sexo rápido que se encontra por entre os cantos e esconderijos das ruas, pois sua existência se apresenta mais pela paquera, demonstração de afetividade nos namoros e formação de grupos de amizade. Isso significa dizer que a deriva por busca sexual vai ainda persistir na rua e a prática de deriva esperta e as sutilizadas dos contatos sexuais em espaço público se torna uma prática cultural homoerótica comum. No entanto, ela também vai ser territorializada e torna-se uma oportunidade de mercado pela abertura de lugares exclusivos as práticas sexuais homoeróticas, como as saunas masculinas, os cinemas pornográficos e, mais atualmente, as vídeolocadoras. As vídeolocadoras são estabelecimentos comerciais que alugam filmes exclusivamente pornográficos, porém apresentam camuflados em seu interior salas de vídeo coletivas, saunas, labirintos escuros e cabines nos quais ocorrem práticas sexuais homoeróticas. As pessoas pagam para ter prazer rápido e coletivo, assim como podem também ter em alguns lugares camuflados do espaço público, porém nestes estabelecimentos os atos sexuais se tornam mais previsível, diferente da deriva exaustiva, do tempo gasto e da insegurança das ruas. Aos poucos a 'pegação' homoerótica de rua se desloca para estes lugares privados. Por outro lado, a rua ainda se demonstra como um atrativo, e a deriva persiste, talvez por um gosto da própria imprevisibilidade dos fatos, da arte da paquera, do gosto pelo proibido e pela experiência sexual com um pessoa desconhecida que talvez nunca transite por lugares de encontros homoeróticos exclusivos, como o gosto pelo sexo com alguém que se diz casado e heterossexual e 'macho', por exemplo.

A (micro)territorialização das afetividades homoeróticas, dos encontros amigáveis e da busca sexual, tem haver com a força de unificação identitária e da formação de um conjunto de equipamentos urbanos mantidos pelo mercado do desejo homoerótico. A emergência de uma cultura gay boêmia originada nos EUA é dispersa por todo o mundo, se faz e persiste em relação a uma rede de lugares/estabelecimentos comerciais para o encontro e diversão homoerótica. Por estes microterritórios se funda e firma-se um conjunto de atributos de uma cultura gay que se pretende unificada. Em muitas cidades da América do Norte e da Europa, a microterritorialização gay se amplia em regiões urbanas frequentadas quase exclusivamente por gays, como bairros gays exclusivos. A alegre cultura gay é pautado na importância do sexo livre e descomprometido, nas expressões pessoais que reproduz os desfiles de modas, no culto a música eletrônica, as divas da música mostradas na MTV e na liberdade frenética da dança, na mistura e/ou exacerbação e/ou fetichização de elementos que compõem as estéticas de gênero, na transição entre trejeitos efeminados ou masculinizados, na expressão máxima do colorido, do exagero, do deboche dos shows de Drag Queens. Estes elementos se fazem presentes nos microterritórios (guetos: boates e bares) gays e são demonstrados nas paradas do orgulho gay que acontecem uma vez a cada ano em quase

todas as grandes cidades do mundo cuja cultura gay encontra brechas para livre expressão. Os desejos homoeróticos acabam sendo territorializados num conjunto de práticas, expressões e interesses coletivos gays. Esta territorialização apresenta-se como um processo de subjetivação e se reproduz no corpo dos sujeitos homoeróticos, no encontro e vivência coletiva delas. Tal vivência coletiva é possibilitada pela existência de redes de materialidades construídas em relação a um mercado do desejo homoerótico (a boate, o bar, a rave, a parada gay). Mesmo nas territorializações ocorridas nas praias brasileiras, por exemplo, no Rio (posto 9 na Praia de Ipanema) e em Florianópolis (bar do Deca na praia Mole), ocorre a existência de um estabelecimento (um bar, uma tenda, uma barraquinha de venda de bebidas e petiscos) que se torna o foco do encontro, geralmente identificado por uma bandeira que imita o arco-íris e que representa a cultura gay. Em Florianópolis, por exemplo, existe uma relação entre a deriva dispersamente territorializada na Praia da Galheta (busca sexual), que se esconde por entre a mata e os caminhos escondidos, e a livre expressão pela presença da coletivização proposta pelo bar do Deca, nos quais elementos da cultura gay invadem a expressão das pessoas presentes, não exatamente cultuadas nos eventos de deriva pela Praia da Galheta.

Nesse sentido, observamos que a emergência da cultura gay se apresenta como um território social destinado a unificação e coletivização de expressões individuais alternativas, como um modelo minoritário e étnico, perante a normalidade heteronormativa. Serve, assim, para manter um equilíbrio de práticas dentro da sociedade, mantendo um processo histórico de normalidade heterossexual e de determinantes morais sociais. A existência deles separa prazer e lazer de trabalho e família, separa desejo e instabilidade de temperança e razão de existência perante as funções na estrutura da sociedade. Se a antiga transgressão homoerótica se apresentar como uma expressão alternativa determinada por sua condição territorializada, de lugares onde acontece, de forças de identificação/objetivação de subjetividades e nichos lucrativos de consumo, ela não mais é transgressão transformadora/questionadora da estrutura moral/material/institucional da sociedade, ela se apresenta como um elo alienante em relação a própria potência crítica que contem. No entanto, são por estas territorializações materiais e existenciais que emerge um movimento político gay. O próprio movimento já é um território que unifica a diversidade de potências transgressoras cujas verdadeiras transformações surgem no cotidiano, ou seja, a mudança a sua condição rotineira e alienante para a imprevisibilidade dos acontecimentos que burlam as regras e questionam a hipocrisia das máscaras dos atores sociais, como táticas desviacionistas dos fracos (DE CERTEAU, 1994). As estratégias dos movimentos políticos gays se referem a manutenção dos direitos cidadãos gays, mantendo a ideia que gay é uma unidade populacional cujo todos se preocupam por certos benefícios jurídicos sociais. A luta do movimento gay é a luta de uma minoria instaurada aos preceitos, normas e jurisdições de uma maioria. A potência transgressora gay que almeja uma nova existência social se condiciona aos determinantes morais das jurisdições heteronormativas, que discriminaram historicamente os próprios desejos homoeróticos e cujo formato serve

justamente a estas discriminações. A relação de igualdade aqui serve para manter a alteridade de uma situação de desvio unificada (territorializada sua existência) passível de ser explicada e identificada. Aos poucos o controle social absorve a minoria 'alternativa'. O 'alternativo' e a 'alteridade' tornada absorvida por um conjunto de jurisdições e normativas de base social heteronormativa, familiar e hereditária, esfria o potencial transgressor/transformador das práticas e desejos homoeróticos. Nesse sentido, o conflito homoerótico e sua real necessidade de transformação social é sublimado pela territorialização da identidade, dos lugares de encontros e pela unidade de um movimento político, que acaba aceitando sua absorção a estrutura moral e jurídica que busca a manutenção histórica das estruturas, instituições e ideais condicionantes da sociedade.

### O Gay como Pastiche As Linhas de Fuga Homoeróticas Das Territorializações aos Rizomas

A territorialização (do corpo, da identidade e da afetividade) homoerótica se faz presente e é produto dos projetos de disciplinarização dos sujeitos (mente e corpo) contidos no desenvolvimento da modernidade:

- a) pela organização do espaço, pelo reformismo racional iluminista pós-Revolução Francesa (WALLERSTEIN, 1995);
- b) pela instituição do espaço público (ARENDETT, 1998) e seu fundamento de controle das paixões e produção de limites às formas de interações humanas;
- c) pelos encaixes identitários (GIDDENS, 2002);
- d) pela objetividade reguladora das instituições sociais (a escola, a família, o trabalho, o hospital, a psiquiatria, a doença, o desvio) (FOUCAULT, 1988);
- e) pelo poder panóptico autoproduzido nas interações dos seres que produzem formas, normas, procedimentos cotidianos e interações relacionadas a estes elementos (FOUCAULT, 1984);
- f) pelo projeto civilizador que impede a liberdade da espontaneidade humana (FREUD, 1974).

Em relação ao poder disciplinar da objetividade construída, da realidade das instituições sociais normatizadas (moral), dos procedimentos cotidianos, da regulação mútua dos processos identitários e dos papéis a desempenhar que submete as interações sociais, ocorre uma série de escapes individuais que tornam muito imprevisíveis os resultados sociais provenientes da ação desses conjuntos de determinações. Isso nos remete a ideia que a instauração da modernidade organizadora foi um projeto que efetivamente não se concluiu ou se efetivou, muito além (ou aquém) disso, promoveu uma relação dialética entre elementos e processos disciplinadores que se manifestam transformando-se/imbricando-se/metamorfosando-se juntamente com aqueles elementos/processos que queriam eliminar/curar/disciplinar. Os desvios e as doenças instauradas pela modernidade invadem o seu sistema, produ-

zindo outras condições não mais efetivamente modernas, mas contidas no próprio processo de modernização (TOURAINÉ, 1994), que se metamorfosearam em virtude da incapacidade dos desejos e espontaneidades humanas imprevisíveis e efêmeras ser regradas.

A rigidez das redes de modernização (materiais – organização do espaço – e imateriais – subjetivação de identidades e normas morais/funcionais que serão objetivadas na racionalidade das interações sociais) ao entrarem em contato com a ‘liquidez’ da desordem cotidiana a fim de regrá-las acabam produzindo uma forma ‘pastosa’/‘plástica’/‘cremosa’, algo entre ‘rocha’ e ‘água’ e que se metamorfoseia rapidamente em diferentes formas e toma diferentes movimentos. Isso implica a produção das ‘condições-entre’ dos sujeitos, como não mais simples atores sociais alienados envolvidos num espaço, num conjunto de procedimentos e scripts a serem desempenhados, mas pessoas conscientes de seus problemas, ansiedades, aspirações, alegrias e tristezas e da dinâmica plástica do cotidiano. Estes se fazem, assim, sujeitos de suas vidas, mesmo que de forma sempre incompleta e sofrível, condicionado a evidência da incapacidade disto ser pleno, uma vez sua própria condição de busca de autenticidade e autonomia faz parte de um processo que justamente tende subjulgá-lo pela alienação e racionalização/regramento de suas suas vidas (pois são os próprios processos modernos que geraram a potência transformadora autêntica de si). Os sujeitos e os cotidianos (formas/matérias e sentidos/interesses/necessidades interacionais) são formas/processos híbridos (LATOURETTE, 1994). O produto dos sujeitos e seus cotidianos representam um híbrido entre aquilo que os regem e alienam e aquilo que os libertam e os tornam promotores de seus desejos e autenticidades (a própria construção a emergência de sua subjetividade e a objetivação na materialidade e nas interações coletivas cuja ação metamorfoseia os sentidos do uso e das práticas antes disso determinadas). Em relação ao híbrido vemos estes dois pólos se estabelecendo dialeticamente e sua forma/ação dialética vai se apresentar na exaustão destes mesmos pólos, no qual cada um contém o outro, no qual onde há espontaneidade ocorre, no fundo das aparências, regra, e onde há regra/norma pode haver espontaneidade/autenticidade daquilo que é desejantemente humana.

A isto que estamos argumentando, atentamos aos seguintes pontos:

- a) O sentido da civilização descrita por Freud (1974), ou seja, a realidade expressa pela cultura dos valores e realizações supremos, porém repressivos. Por outro lado, Freud observa que o princípio de realidade nunca cessa de ser restabelecido na própria história, indicando que o triunfo sobre o princípio de prazer nunca é seguro e completo;
- b) Freud (1974) explica essa noção de ‘cultura’ impressora de valores e criadora de personalidades como emergência de uma civilização moderna. A personalidade dissolveria o indivíduo, uma vez que ela representa as imposições morais que ensinam que o homem não pode saciar livremente seus impulsos instintivos (pulsões que buscam o prazer). O motivo da cultura seria sustentar a vida dos

membros de uma sociedade restringindo seus impulsos (possíveis de se tornarem destrutivos), desviando sua energia para o trabalho e para a sexualidade. A civilização seria fundada na supressão dos instintos, para o autor.

c) Para Freud, a civilização apresenta, assim, sua origem no sentimento de culpa (complexo de Édipo) contraído pelo assassinato do pai pelos irmãos. O assassinato satisfaz o instinto agressivo, mas causou-lhes remorso. Do remorso emergem os tabus que vão significar as restrições que impediriam novamente o fato (agora a destruição dos irmãos pelos irmãos), ou seja, a satisfação do impulso agressivo e a possível vida em sociedade de irmãos. O conjunto dos tabus formaria o superego, que suprime as pulsões agressivas em busca da satisfação do pleno prazer (id). O impulso agressivo contra o pai e seus sucessores é derivativo do impulso de morte (que, caso não fosse contido, tenderia a aniquilação total do grupo, atingindo o princípio de nirvana). Os tabus (formadores do superego), além de representarem a culpa pelo fato, possibilitam a manutenção da vida. Os tabus sublimam a pulsão de morte, tornando-a energia em sexualidade, que guarda consigo a civilidade do amor, da afeição, da cortesia, do respeito e do romantismo, ou seja, Eros. E Eros torna-se a renúncia do instinto/pulsão de morte (a necessidade de totalização do prazer ou nirvana), combinando vidas em unidades cada vez maiores e produzindo a cultura. A cultura, assim, é a combinação possível de vidas em unidades maiores. A combinação é a totalização da energia sexual sublimada em condições de existência de vida (social) contra o princípio de nirvana.

d) Por outro lado, Marcuse (1975, p. 87) verifica que a cultura exige sublimação contínua: ao mesmo tempo em que as inibições se propagam, os impulsos agressivos seguem na mesma ordem. Eros implica sublimação das pulsões em uma ordem moral da preservação da vida, o que implica a formação do “ideal do ego”, ou seja, a idealização do indivíduo, culminando no conflito/fusão entre Eros e instinto de morte. A idealização do ego acaba sendo propagada/acumulada pela cultura moderna, assim como o é a “labuta” do trabalho, que impõe uma repressão profunda das possibilidades de prazer.

e) Por um lado, a fusão entre Eros e instinto/pulsão de morte representa a subjugação do elemento hostil. Por outro lado, a sublimação contínua enfraqueceria o Eros (sublimação cultural: romantismo, respeitabilidade, afeição, admiração, compromisso), tornando-o ‘mais-repressão’ (lei, norma, autoridade vertical violenta, ditadura, trabalho, função, razão). A mais-repressão vai representar a ‘dessexualização’ e o enfraquecimento do Eros. Isso acaba libertando os impulsos destrutivos. A civilização, assim, é ameaçada pelos instintos de morte (que quer ascender sobre o instinto de vida) e, de acordo com o autor, tende para a autodestruição.

f) Em relação aos muitos dominados, a força das ordens modernas, racionalizadas em intuições repressivas, gera a canalização dos impulsos destrutivos pela histeria, de



acordo com Freud (1974). Pela análise da histeria, Freud encontra, no indivíduo, a civilização e a sociedade, sua existência como instâncias integradas/dialéticas/contraditórias. Os casos de histeria seriam evidência das repressões exercidas pela moral e ordem modernas, nos quais os impulsos prazerosos/destrutivos encontram uma 'válvula de escape' em meio às impossibilidades de exercício social. A sociedade é condição da mais-repressão, ou seja, da canalização da energia do impulso sexual pela labuta (função/produção) e pela sublimação (compromisso/respeito/entendimento das condições de felicidade social).

**g)** Podemos entender a sociedade moderna como próxima à ideia de sociedade disciplinar descrita por Foucault (1984). A sociedade se organizaria, então, num conjunto de instituições, procedimentos, práticas e discursos que convergiriam a docilização dos corpos. O cumprimento das regras necessárias à vida em sociedade também serviria à manutenção da estrutura desigual do capitalismo. A 'sociedade-disciplina' é condição da necessidade de mais-repressão, ou seja, não mais a condição primeira da civilização como convergente para a pulsão de vida, na qual os instintos destrutivos são acatados pelo equilíbrio do Eros (da sexualidade, do amor, da sublimação pelo comprometimento e afeição com o outro).

**h)** O 'panoptismo' social constitui a vida sobre a norma e a disciplina, coisa que enfraquece Eros e, aquém da pretendida disciplina, o que ocorre é a explosão da histeria e das ações de destruição. Nesse sentido, mesmo dependente dos impulsos de prazer (sublimado pelo consumismo de mercadorias) o capitalismo deve encontrar meios de promovê-lo sem desorganizar suas estruturas hierárquicas. A hierarquia é representante da possibilidade de exercer prazer sobre os outros, assim como a racionalidade é a repressão organizadora dos muitos em virtude dos prazeres de poucos. No entanto, em virtude da mais-repressão que exerce, a sociedade disciplinar entra em colapso, em virtude da variante contestatória que gera. Foucault (1988) observa que o poder que rege a disciplina sempre está fadado ao fracasso e obrigado a recomeçar. Esses constantes recomeços geram mais-repressão. Nesse sentido, o recomeço significa o fracasso do poder e da disciplina, assim como o fracasso das normas que mantêm o prazer dos poucos detentores de prazer e poder. Assim, a sociedade disciplinar torna-se inadequada aos princípios do capitalismo, uma vez que esse se centra no prazer de consumo, mas também na capacidade de manutenção do pleno prazer (consumo) daqueles que o fundam, pela disciplina.

**i)** A disciplinarização constante pela mais-repressão gera a contradição da histeria, que tende a tornar-se coletiva, que culmina na necessidade de destruição de todas as estruturas que geram mais-repressão, ou seja, todos os poderes instaurados. Marcuse (1975), nos remetendo a Freud, chama isso de o eterno 'retorno do oprimido'. Nesse sentido, é necessária ao capitalismo contemporâneo uma nova sociedade, que não contenha a mais-repressão em forma de disciplina e que mantenha a desordem do prazer de consumo; porém, não a desordem contestatória

sobre ele mesmo.

**j)** Deleuze (1996) verifica que essa necessidade do capitalismo está acontecendo na contemporaneidade. A evidência disso talvez seja a deslegitimação e as desordens existentes em instituições próprias da sociedade disciplinar, como a crise das escolas, das prisões, dos hospitais, assim como a crise de todos os discursos tidos como verdades absolutas e dos binarismos que expressariam as sínteses autoritárias entre 'certo' e 'errado'. O controle e o poder a cada dia são menos impessoais. Além de impessoal, o poder é ausente, e o que controla é a própria ação/pensamento do indivíduo. Nesse sentido, o meio técnico-científico-informacional, cuja informação é o principal vetor da sociedade (SANTOS, 1999), torna-se a lógica da sociedade de controle. A sociedade da informação rompe a disciplina pela manobra de ideias que produzem os sujeitos, constantemente reinventando-os pela promoção do prazer de consumo.

**k)** Erenberg (apud PRATA, 2004) verifica que, na sociedade de controle, o homem é proprietário de si mesmo, e a relação indivíduo-sociedade não é representada mais pela disciplina, mas pela iniciativa individual em se projetar, sendo a auto-estima a condição da ação, que rompe a norma. Ao mesmo tempo, o homem contemporâneo insere-se no mundo da informação buscando sinais para agir e promover-se perante os outros.

**l)** Nessa necessidade de projeção a diversidade emerge e a criatividade é norma. A sociedade a cada dia se diversifica, e a racionalidade que homogeniza é rompida pela concorrência entre os diferentes e das inovações que reinventam tudo a cada instante. Além disso, Prata (2004) verifica que o homem, na sociedade contemporânea, busca incessantemente saúde e felicidade, e essa busca representa a convergência da ação pelo puro prazer: não mais aquele prazer sublimado e estável os quais as instituições modernas queriam produzir, mas o retorno do prazer instantâneo e do indivíduo por ele e para ele mesmo.

**m)** Nesse sentido, a vida, conforme Bauman (2001), é, a cada dia mais, regida pelo consumo, cujas normas já não são mais importantes, mas sim a orientação pela sedução e pelos desejos crescentes e instáveis (voláteis). Somos consumidores e devemos sempre estar prontos para adequarmos-nos às novas seduções, mantendo um corpo flexível e ajustável, mantendo a aptidão à ascensão competitiva e o constante ajuste ao novo (consumo, moradia, comportamentos, experimentos diversos, mercado flexível, trabalho flexível). Nesse contexto, o homem é responsável por si mesmo e encorajando à criatividade e à flexibilidade, numa condição social que afrouxa os sentimentos de culpas sobre a não-adequação às disciplinas. Por outro lado, além da neurose e da histeria (tidas como condições/doenças modernas), o que ataca o homem contemporâneo é a depressão em não poder dar cabo das necessidades extremas de felicidade agora ligadas ao acúmulo da capacidade de consumir.

**n)** Em virtude da crise das instituições disciplinares e ao

descrédito em relação a verdades tidas antes como absolutas, assim como do desmoronamento das visões lineares e de um mundo de segurança futura, Lasch (1983) verifica a emergência de uma era da diminuição das expectativas: o futuro torna-se incerto e, nesse sentido, o adiamento da satisfação não tem mais sentido. O que ocorre, então, é o imperativo do gozo, que, para o autor, significa o enorme medo do envelhecimento, a fascinação pela celebridade, o receio permanente da competição, o culto ao corpo e a necessidade de ser reconhecido como um vencedor. Nesse novo mundo, o homem é largado como único responsável por seu sucesso e pela promoção de sua felicidade. Por outro lado, a nova culpa é representada pela situação de não conseguir ser feliz: sua infelicidade acaba promovendo a depressão quanto ao desamparo em que é largado.

**o )** O desamparo generalizado força o homem a resolver-se por ele mesmo: 'afundando-se' na depressão e agregando-se à infelicidade/alienação da disciplina da labuta dolorosa e/ou criando novos mundo para promoção da sua felicidade. A depressão, como expressão da dialética contemporânea 'felicidade/desamparo/responsabilidade sobre si mesmo' gera a emergência da diversidade do mundo atual e das diferentes forças de expressão do si (indivíduo) e dos mundos diversificados de interações humanas. Na sociedade disciplinar, a norma regia as necessidades de desempenho dos homens e sua adequação ao ideal do ego. Por outro lado, na atualidade, o que mais se percebe é a emergência do eu ideal pela autopromoção da criatividade individual e pelos mundos alternativos que se disseminam, nos quais fluem o consumo instável e o prazer da satisfação instantânea.

**p )** Voltando à disciplinaridade promovida pela razão moderna, podemos ver em Marcuse (1975) que esse domínio jamais foi realizado e que seus projetos de totalização sempre foram contestados. Daí a idéia de Touraine (1994) sobre modernização, não uma realidade facilmente moderna. A modernização converge para um mundo que nunca conseguiu progredir para a unidade, mas para uma dialética unidade/diversidade, razão/fantasia, racionalidade/fantasia, ordem/desejo. A principal incompatibilidade à razão é a fantasia; daí seu combate histórico às tradições culturais e ao misticismo contrários aos saberes verdadeiros da ciência. No entanto, em virtude da 'grande recusa', em relação à ruptura da integralidade do homem com a natureza (dos prazeres impulsivos/instintivos), gera-se a fantasia de que "as imagens irracionais de liberdade tornem-se racionais, e as 'profundezas vis' da gratificação instintiva assumam uma nova dignidade" (TOURAINÉ, 1994, p.147). Para isso, o autor remete aos personagens clássicos da mitologia grega do Orfeu e do Narciso.

**q )** O mundo órfico vai representar o reencontro com a natureza e o narcisista um auto-erotismo que se liga ao meio (mundo objetivo/realidade), integrando o ego às coisas racionais do mundo. Esses mundos vão possibilitar outra relação existencial com a realidade, sendo símbolos de uma atitude erótica não-repressiva em relação à realidade, muito além do princípio de desempenho determi-

nado pela racionalidade. A figura do Orfeu é a realidade da irracionalidade, cuja razão não consegue combater: o encontro do homem com a natureza. O Orfeu é o híbrido demonstrado por Latour (1994), e sua ideia é de que 'jamais fomos modernos' porque nossas fantasias extrapolam e implodem a realidade e a cultura repressiva da razão e seu projeto de expansão (cujo centro é a grande recusa em relação a natureza). Esse projeto se fez incompleto: perturbou e reprimiu a natureza, arrancando-a do homem. Por outro lado, isso gerou a infelicidade contida no projeto civilizacional e a contestação generalizada ou pela negação ou pela fantasia que extrapola ela mesma e se torna também realidade.

**r )** Kant (apud MARCUSE, 1975) observou que a dimensão estética vai ocupar um lugar central na relação de que estamos falando. Para o autor, sensualidade e moralidade são dois pólos fundamentais da existência humana. Kant liga estética ao prazer derivado da forma pura do objeto, independente de seu propósito. O objeto representado pela forma pura é obra da imaginação que dá prazer. A imaginação estética/sensual é criadora, constitui beleza e perturba a realidade/objetividade. Essa perturbação imaginativa pode gerar, então, a "essência de uma ordem não-repressiva" (MARCUSE, 1975, p. 160).

**s )** A imaginação, então, nos trabalhos de Narciso e Orfeu, sugere o exercício do puro prazer e a representação do mundo pela imaginação de sua forma pura: "a pura manifestação do seu 'estar-aí', de sua existência" (MARCUSE, 1975, 160). A estética, desse modo, apresenta-se como o fortalecimento da sensualidade e a canalização do prazer em mundos possíveis frente à repressão da razão. A ordem não-repressiva da beleza, do prazer e da natureza culmina na realidade incompleta da racionalidade/funcionalidade/moralidade moderna e se aproxima das múltiplas realidades 'aqui e agora' ou formistas (forma pura) nas quais Maffesoli (2002) explica.

**t )** Giddens (2002) alega que os sistemas de vigilâncias disciplinares, na sociedade moderna, não são inteiramente 'consensualizados'. Isso quer dizer que, ante o projeto de organização e regramentos modernos, regidos por complexas tramas de poder, outras forças de contestação produzem barreiras para a completa modernização do espaço e a normatização das relações sociais. Podemos observar que, ao mesmo tempo em que existe um poder universal que vai corrompendo relações sociais comunitárias localizadas, "revoluções moleculares" (GUATARRI; ROLNIK apud HAESBAERT, 2002, p. 78) impõem-se como forças contestatórias que comungam a afirmação do lugar, das práticas contextualizadas e da cultura comunitária. Segundo Giddens (2002), a vigilância e a identidade reflexiva trabalham no sentido de aplainar as diferenças que não fazem parte do mecanismo de reprodução dos sistemas, isolando-as, tornando-as alheias, desviantes, anormais e doenças que esperam uma cura. Dessa forma, podemos perceber, no processo de modernização, um constante conflito entre normatização e desregramentos às normas. Por outro lado, as forças disciplinadoras operam para a

irreversibilidade desse fenômeno, identificando algumas possibilidades de desregramento e trabalhando com a relação lógica binária entre 'certo' e 'errado' a fim de estabelecer constrangimentos cotidianos para frear ou anular a espontaneidade humana e a coletivização de práticas sociais discordantes aos modelos de comportamento e interação sociais racionais/morais.

**u )** Por essa análise, Hall (2002) argumenta que os significados são totalmente instáveis, principalmente no meio urbano, desde sua formação, pois as coisas, as situações e as pessoas (a identidade) são constantemente perturbadas pela diferença que a cidade agrega: diferença étnica dos imigrantes; extrema diferenciação das atividades urbanas e tipos de engajamentos dos indivíduos; diferenças quanto aos níveis e formas de consumo. Nesse sentido, as diferenças proliferam na cidade. Muitas diferenças radicais, que se afastariam por completo do projeto de identidades sociais aceitas na urbanidade moderna, tendem a ser fortemente segregadas, ficando escondidas em lugares bem específicos da cidade, longe de áreas onde a normatização do espaço público torna-se status quo. Comportamentos desviantes que contradiziam o bom senso social, relacionados a desvios sexuais, insanidade, crime, prostituição e doenças comportamentais, tornavam-se perigosos à estabilidade social e deveriam ser curados ou isolados socialmente.

**v )** Segundo Giddens (2002, p. 147), a própria "ideia que os homens podem ser submetidos à correção estava necessariamente envolvida com a noção que a própria vida social está aberta à mudança radical". Assim, o autor argumenta que "os ambientes urbanos modernos oferecem uma diversidade de oportunidades de os indivíduos procurarem outros com interesses semelhantes e com eles formarem associações, além de oferecer mais oportunidades para cultivo de uma pluralidade de interesse geral", nesse sentido, "a vida social moderna empobrece a ação individual, mas favorece a apropriação de novas possibilidades; ela é alienante, mas ao mesmo tempo, de maneira característica, os homens reagem contra circunstâncias sociais que acham opressivas" (2002, p. 162 - 163).

**w )** Segundo Goffman (1988), são inerentes à sociedade normas de identidade que estão balizadas pelos seus próprios desvios. Esses desvios se estruturam em uma série de constrangimentos que definirão a estigmatização do indivíduo desviante. Nesse sentido, a manipulação do estigma é em si só uma característica geral da sociedade: a cada relação social normatizada e a cada lugar com regras de comportamento específicas, pode haver alguma forma de desvio de conduta. A sociedade é em si só um paradoxo entre norma e desvio, e o envolvimento do indivíduo representa seu trabalho de ora encobrir, ora descobrir atributos que possam ser estigmatizados em determinados ambientes sociais. A cidade, nesse sentido, torna-se palco das contradições e complementaridades existentes entre normas e desvios sociais, da dialética entre condutas regradas e condutas contestatórias. No meio urbano, as imprevisibilidades das consequências entre situações da contradição mencionada acabam por produzir 'centros

de reabilitação' ou espaços possíveis de convivência do desviante (como lugares gays e zonas de prostituição, por exemplo).

**x )** Maffesoli (2002) observa que, 'para quem e para além das formas instituídas, que sempre existem e que, às vezes, são dominantes, existe uma centralidade subterrânea informal que assegura a perdurância da vida em sociedade'. O autor compreende essa centralidade como 'potência' que surge na forma de uma abstenção, de um silêncio, de uma astúcia que se opõe ao poder político-econômico. Essa potência contestadora representa uma forma de coletivização que se oporia ao social e convergiria à comunidade, rompendo com a ideia de identidades fragmentadas baseadas na frieza das classificações e tipificações do sujeito em relação a uma sociedade funcional e racional. Estariam também presentes e incrustadas no mundo moderno comunidades emocionais que representariam o simples prazer e a necessidade de sentir-se em coletividade. As agregações de conjuntos de indivíduos romperiam as relações instrumentalizadas e se estabeleceriam por sensações estéticas, sexuais, 'espirituais', concretas em relação ao foco autêntico, empírico e carnal dos contatos estabelecidos.

**y )** Para esse processo, o autor utiliza a expressão 'tribalização do mundo', com base empírica na infinidade de micro-agregados relacionais que se proliferam nas esquinas, nos bares, nas ruas, nas praças, ou seja, em espaços públicos ou semi-públicos das grandes cidades. As relações nessas micro-agregações urbanas, ou 'tribos urbanas', estariam fundamentadas na proximidade da ideia da estética Kantiana, no qual falamos. As relações sem propósito funcionais/rationais/morais entre sujeitos e objetos implicariam em relações orgânicas de sinergia, que representariam uma resposta não-consciente, quase animal, ao querer viver em coletividade; o que a contradição do social acaba por fazer perder.

**z )** O cimento da tribalização seria o lugar de encontro que possibilitariam os contatos triviais em propósito racional: como beber junto, conversar, paquerar, vestir-se de tal forma, compartilhar de certos prazeres estéticos e sexuais ou certas atividades corporais. As causas desse processo de tribalização convergiriam para os fundamentos racionais, abstratos, repressivos e individualizantes da sociedade moderna, que provocariam uma desumanização do real, uma abstração e uma perda de sentido das atividades e das interações, uma vez que não provocam prazer, mas dores coletivas pela racionalidade/funcionalidade da labuta e da repressão moral. Nesse sentido, a potência (MAFFESOLI, 2002), estaria contra o poder disciplinar, de (FOUCAULT, 1984), gerando um conjunto de fugas, derivas, promiscuidades, extravasamentos emocionais e estéticas relacionais que contrariariam a rotina normatizante do cotidiano.

Como conclusão dessa discussão, podemos evidenciar uma condição dialética da realidade da sociedade moderna. Isso torna dialética a existência dos sujeitos, como produto dos determinantes sociais modernos e suas intimidades/subje-

tividades. Assim, isso implica algumas discussões em relação ao sujeito homoerótico:

a) A realidade é movida pelo princípio de desempenho, ou seja, pela adequação à moralidade e às exigências da labuta moderna. Isso determina a formação da personalidade dos sujeitos inclinados para o mesmo sexo como desviante e portadores de um estigma (homossexual, bicha, gay, veado, entre outros termos discriminatórios), uma vez que o desempenho está condicionado historicamente à procriação, à heterossexualidade e as estéticas e comportamentos de gênero, tornando rígidos os papéis e comportamentos a serem desempenhados nos diversos cenários sociais.

b) O mundo moderno é regido pela funcionalidade das diversas relações de trabalho existentes, fragmentando a vida social e alienando o homem. Os fragmentos da vida social se mantêm pela adequação das práticas individuais e das interações a eles. A funcionalidade econômica toma forma de política organizacional e identificadora exercida sobre os indivíduos e suas possibilidades interativas, que mantêm as engrenagens do funcionamento da estrutura. É base desse processo as diferenciações os papéis de gênero e quanto aos aproveitamentos dados a eles. Para organizar-se a estrutura social instituem-se os papéis/identidades dos indivíduos e separam-se (para análise, cura ou exclusão) aqueles que não se encaixam nos fragmentos dela. A ética do trabalho, das adequações morais do homem e da mulher, da temperança e do equilíbrio pessoal quanto aos excessos do prazer solidificam os alicerces e encaixes da estrutura moderna. Os comportamentos e práticas homoeróticas, como atributos que representam o distanciamento pessoal quanto à ética do trabalho, do bom comportamento e da temperança, tornam-se discriminados por uma micropolítica orgânica de vigilância mútua em todos os meios/instituições sociais (por todos os lados ou vigilância inseridas nas interações cotidianas).

c) A moral burguesa adequou o homem às exigências das instituições sociais. Tal moral instituiu o casamento para fins procriativos e hereditários, os desempenhos masculinos, quanto seus projetos de ascensão social e adequados comportamentos (de macho) em espaço público, e a atenção ao cuidado e resguardo do feminino (cujo espaço é o privado e cuja identificação é a delicadeza e a fraqueza). As formas/comportamentos transgênicos dos indivíduos orientados para o mesmo sexo tornam-se profundamente contrários a esta ordem.

d) A condição de mais-repressão apresenta-se como sobre-exigências ao desempenho do indivíduo. Isso provoca a histeria, a neurose e a criação de outros mundos egoísticos por onde ele pode se proteger do mundo exterior e reinventar os impulsos provenientes de seu exterior. A histeria apresenta-se como um projeto de libertação. A histeria pode ser comparada com as atitudes 'fechativas' (PARKER, 2002) ou a expressão contestatória e agressiva da bicha (o efeminamento histórico) em espaço público. Tais atitudes aproximam-se da objetivação transgressora/

revoltosa quanto a ações/situações dolorosas de discriminação, violência moral e marginalização social subjetivadas pelos sujeitos. Os atos 'fechativos' são reproduzidos em várias tonalidades, menos ou mais transgressivos, nos comportamentos grupais nos lugares de encontros homoeróticos (eles acabam sendo retratados, como elementos de uma cultura alternativa, nas Paradas Gays). As repressões instauradas pela organização/disciplinarização várias processos de fuga e de libertação vão ser tecidos pelos sujeitos em formações coletivas e de ajuda mútua (de comunitarização de seus desejos, interesses, sofrimentos e reflexões sobre o si). Os mundos imaginados por eles tornam-se realidades e, mesmo que extremamente territorializados, como guetos cuja marginalidade é clarificada, vão transformando o espaço social tornando ele diverso, múltiplo e dialético, ao contrário de unificado, estruturado e plenamente funcional, como queriam os processos sociais modernos.

e) O trabalho de imaginação está presente na repressão da razão, criando novas realidades existenciais e aproximando o homem da natureza (da natureza de seus instintos/impulsos e do prazer). A imaginação homoerótica acaba criando mundos fluidos componentes de suas derivas por entre as brechas do espaço público. Os rizomas, criados pela deriva e perturbação homoerótica, corta a ordem dos comportamentos e das interações em meios sociais formais heteronormativos e produzem veios confusos quanto ao teor e adequação social das práticas dos sujeitos. A imaginação, a sexualidade e o gozo invade os meios mais formais e acaba tornando esquizofrênico a racionalidade/moralidade base desses meios. Assim que se criam as diferentes interações homoeróticas, contendo diferentes sujeitos que se expressam sem um significado/determinante explicativo a eles e que acontecem em diferentes bases situacionais (do espaço, do corpo e da mente) impossíveis de serem efetivamente classificadas.

f) A imaginação, que cria novos mundos existenciais, tende a aprender a pureza do objeto além de seu propósito, acompanhando a existência estética das interações sociais no 'formismo' do acontecimento delas e não somente em virtude a instrumentalidade e a funcionalidades de seus propósitos. As interações rizomáticas homoeróticas são realidades inquestionáveis e fluem para interações mais organizadas e visíveis perante espaço público. Aos poucos a pureza do desejo homoerótico fluido, imprevisível e cambiante, produz agregações mais consolidadas e exclusivas que tornam territorializadas o desejo em práticas culturais comuns que identificam e fazem se identificarem os indivíduos orientados para o mesmo sexo. A forma (estética, sem propósitos funcionais, mas propósitos informais/espontâneos/de prazer) conduz a agregação de outros indivíduos (o desejos de comunitarização do desejo e dos prazeres homoeróticos). Tais experimentos homoeróticos coletivos possibilitados pela 'formação comunitária' (a microterritorialização ou a instauração de uma pré-forma) produzem outras múltiplas formas agregacionais contidas em numa relação do espaço que acontece com os diferen-



tes tempos participativos dos diferentes sujeitos em buscas variadas de experimentações estéticas e interesses homoeróticos desejantes.

**g)** No capitalismo contemporâneo, as condições de mais-repressão apresentam-se como contraditórias à estrutura capitalista de manutenção da obtenção de prazer de poucos sobre a maioria. A mais-repressão gera a histeria e a violência, que vê, na ordem e na razão, a repressão. A histeria volta-se contra os detentores dos prazeres consumistas, perturbando a ordem capitalista. Era necessária uma relação rígida de interações quanto a sexualidade contida nos homens e nas mulheres para manter a ordem de um capitalismo de estruturas organizacionais rígidas baseadas no trabalho industrial. No entanto, essa norma sexista sempre fora corrompida pelas interações homoeróticas e os seus determinantes tornaram realidades lugares destinados a tais encontros, ora que representam trajetos e pontos de contato informais por entre as brechas do espaço público, ora lugares exclusivos (guetos: bares e boates) produzidos pelo próprio propósito capitalista de lucratividade, agora em virtude da simples necessidade de contato/interação homoerótica.

**h)** O próprio capitalismo centra-se no prazer/desordem do consumo contra a ordem da razão e da moral. O capitalismo incentiva o prazer do consumo e libera os instintos destrutivos dos impulsos humanos. Em primeiro momento ocorrerá uma relação contraditória entre moralização das interações sociais, com base na privatização da sexualidade e na heteronormatividade, em segundo momento a ação capitalista de explorar nichos de consumo adentra-se aos diversos prazeres humanos, tornando consumível e divulgado os prazeres homoeróticos. Isso acaba libertando várias formas de expressões homoeróticas, que se misturam entre vários outros elementos estéticos movimentados por uma publicidade capitalista de consumo de prazeres diversos. Os desejos homoeróticos primeiramente convergem para uma cultura gay unificada que representa também um nicho capitalista visível a investimento (nos anos 60 e 70). Após isso as interações, formas de diversão, expressões e interesses estéticos, baseados no homoerotismo, tornam-se fluidos e são hibridizados em múltiplas sensações e pontos de convergência de interesses, em virtude da inovação da publicidade, dos serviços e da diversão capitalista, que mistura, que recria e que torna mutante o interesse das pessoas, assim como seus investimentos e gastos. Isso torna a cultura gay um pastiche (BRAGA JUNIOR), assim como mais derivantes e condicionados a experimentação, por entre inúmeros nichos de diversão, os sentimentos e atrações homoeróticas.

**i)** Como condição da contradição entre ordem moderna racional/moral e capitalismo dos prazeres de consumo, as instituições disciplinares na atualidade entram em crise; os indivíduos são organizados pela busca incessante de felicidade baseada no consumo, responsáveis por si mesmo e largados à própria sorte em relação às necessidades de promoverem-se em sociedade. A dialética felicidade/infelicidade leva os sujeitos a criarem seus mundos de pro-

moção da felicidade: várias condições entre os ditames da felicidade consumista e as reais condições de acesso dos indivíduos. Nesse contexto, vários mundos-imaginações-fantasia tornam-se realidades na busca de felicidade e são, assim, a realidade de lugares de diversão gay variados e de experiências homoeróticas que transitam (como formas rizomáticas) por entre os diversos nichos de diversão promovidos pelos investimentos capitalistas. Estes lugares singulares e/ou atrações experimentais, que apresentam um elo homoerótico, mas que são imprevisíveis quanto à promoção efetiva de tal contato, fazem convergir indivíduos em busca de felicidade (centrado nos prazeres e afetividades homoeróticas). Nessa realidade, múltiplas tessituras de interações coletivas surgem, somem e se reconstróem com novos atributos rapidamente. A felicidade aqui se torna felicidade do 'aqui' e 'agora', sem propósitos outros do que o propósito do prazer, do contato estético e da sensualidade. Torna-se crucial ao indivíduo acompanhar esta instabilidade e posicionar-se bem em cada momento das plásticas experimentações, todas movimentadas pela necessidade de investimento financeiro, que dará a qualidade do sucesso pessoal sobre a inserção as variadas interações estéticas que pretende. Entre os sucessos e insucessos interativos os sujeitos vão acumulando situações de felicidade e infelicidade e vão se segmentando diversificadamente em meios urbanos, no qual tais segmentações apresentam-se já por um processo dinâmico e plástico.

Essas questões nos colocam em frente à emergência dos múltiplos sujeitos na atualidade. São sujeitos, pois são conscientes sobre o si e questionadores das antagonias que os cercam, ou seja, daquilo que os colocam como meros representantes das cenas e dos processos naturalizados pelo social e daquilo que emerge de seus íntimos, como novas interpretações dessas cenas, imbuídas de autenticidades, cujas essências apresentam-se como desejos construídos e reconstruídos pelas próprias interações deles com nas histórias sociais que participam(ram).

Em relação a essa complexidade das autenticidades emergentes, como forças (micro)coletivas que, de forma tática, alteram o cotidiano da sociedade, a própria sociedade vai se remodelando. Torna-se necessário uma evolução constante das formas/processos de controle individual e das interações, que sempre se tornam insuficiente e acabam permitindo compensações de libertação das espontaneidades humanas. Os próprios conflitos entre estratégias organizacionais unificadoras da sociedade e táticas desvianistas geram realidades existências múltiplas que torna mais fluida e efêmera as instituições na sociedade. Ao invés da disciplina e do equilíbrio dos desejos temos a emergência do próprio desejo que aparenta libertação, mas que se envolve num processo dialético cuja própria existência do desejo é o controle. Saímos de uma sociedade disciplinar, cuja organização se dava pela objetividade da identidade, dos processos e das formas institucionais, para uma sociedade de controle (DELEUZE, 1996), cujo controle se dá pela construção do corpo e da mente, no qual a informação torna-se o principal vetor de produção/determinação dos processos sociais (SANTOS, 1997). A tecnologia da in-

formação evolui em redes para abarcar as mentes desejan-tes tornadas promotoras de seu próprio desejo, mas cujo desejo é mobilizado em virtude de um instrumental de convencimen- to e de estímulos psíquicos complexos existentes nos coloridos das imagens disseminadas pela TV, pela internet, pelos ma- teriais publicitários, pelos telejornais, pelas telenovelas e pelo cinema. Por entre essa infinidade de imagens cuja essência é o prazer, alguns prazeres são ativados e outros desativados, alguns sujeitos são estimulados, outros desestimulados. Entre ativação de prazer, capacidade de estimulação e efetiva vivência das possibilidades prazerosas, emergem uma multiplicidade de marginalizações que se reconstruem em virtude da existên- cia diversa de outros estímulos imagéticos que se reproduzem como interações diversas em meios sociais – a realização de mundo imaginários provenientes dos estímulos imagéticos da atualidade.

As relações entre sujeitos e sociedade passam de uma dialética entre regramentos morais/institucionalizações disciplinares e as forças desejan-tes intimamente construídas, que lutavam, com dificuldade, para serem objetivadas, para uma dialética entre plasticidade das oportunidades de promo- ção prazerosa, que estimula objetivações múltiplas dos íntimos dos sujeitos, e a luta pela efetiva capacidade viver de forma prazerosa, perante as próprias formas diversificadas, mas es- trategicamente dissimuladas, do ‘ser/ter prazer’. Os sujeitos emergem numa busca contraditória entre a diversidade de marginalizações quanto às formas de obtenção de prazer e o questionamento sobre o que realmente é prazeroso para si. Em suas trajetórias de vida lutam pela autopromoção peran- te os vários nichos cujo prazer e dor convivem mutuamen- te e cujo efetivo prazer se dá pela sobreposição de si perante os outros (concorrência egoística atual). Isso se dá não pelos determinantes rígidos das necessárias formas pessoais já ins- tituídas, mas pelas autenticidades emergentes que hibridizam os vários estímulos sociais num único conjunto de atos de personalidade, clarificados agora como autênticos, perante as redes de convivência dos sujeitos, mas que, na verdade, foram compostas taticamente pelo sujeito daquilo que é mais efeti- vamente valorizado em determinados tempos de necessidades prazerosas do social. O efetivo dilema do sujeito é compor-se perante estes inúmeros estímulos, tornando-se autêntico, líder e influenciador, tendo capacidade, assim, de lucrar e consumir socialmente. A isso se vale de tudo, de todos os estímulos que emergem como não mais precisamente desvios sociais, mas cujo próprio desvio torna-se elemento de promoção de auten- ticidade e, por isso, de lucratividade.

A partir dos anos 80, os elementos desviantes inseri- dos numa cultura alternativa gay invadem como hibridizações autênticas, a moda, a música, o vídeo clipe e a estética mun- dial. Por outro lado, outras formas culturais urbanas começam a ser experimentadas como estímulos estéticos e de convivên- cia inovadora pelos sujeitos homoeróticos. O gay apresenta- se aos poucos como pastiche, cujas expressões apresentam-se variadas e compostas por inúmeros outros elementos estéticos que não necessariamente remetiam ao homoerotismo (o surf, o sadomasoquismo, o yupie, o rock, o futebol, o punk, o hip- pie, etc). Inúmeros experimentos estéticos e afetivos tornam novamente o homoerotismo algo fluido e pouco efetivamente

territorializado em formas materiais e existências exclusivas gay. O homoerotismo retoma sua forma rizomática, deri- vando por entre estéticas, comunidades, agregados e grupos diversos, tornando pouco importante sua explicação por uma lógica causal das identidades, mas fluida a sensualidade para com o mesmo sexo, que pode permear inúmeras expressões dos corpos e das subjetividades humanas. Louro (2001) ob- serva este fenômeno como fuga dos sujeitos da identificação gay em virtude das relações discriminatórias provenientes da expansão AIDS. Mas, o que ocorre é a emergência do pastiche gay perante as hibridizações constantes das estéticas contidas no social (desviantes ou não) e a efetiva emergência potencial dos sujeitos em lutar contra as identificações que mais os reprimem do que tornam possíveis uma autêntica existência de si. A isso se deve a atual idéia de queer (LOURO, 2001), como uma teoria social sobre a estranheza e a valorização da própria estranheza que não quer ser identificada rigidamente, mas deixada fluir por entre um magma de possibilidade de imersão e fusão material/ideal.

Nesse sentido, construímos um caminho que vai da perversão sodomita, para a identificação racionalizadora do desvio social homossexual, para um formato unificador alter- nativo ao social, ou a cultura gay, para a efetiva diversidade de formas expressivas homoeróticas, que não necessariamente possam ser identificadas em virtude da complexidade de es- tímulos híbridos que emanam. Estes formatos implicam na materialidade dos encontros homoeróticos, que transitam en- tre a territorialização mais efetiva (os guetos) e redes difusas de trajetos e composição de circuitos, como rizomas compostos pelas derivas de tais sujeitos, cujas experimentações e contatos se tornam diversos, tornando diversificada as formas expressi- vas deles.

### A Proposta Crítica quanto o Entendimento dos Sujei- tos Homoeróticos

Bonnemaison (2003) argumenta sobre o encontro com o território para entender a cultura. Geertz (1989) nos fala que cultura é um território. Observamos que a cultura além e/ou aquém de sua condição supra-orgânica (DUN- CAN, 2004), como projeto uniformizador de uma estrutura de formas, normas e modos de vida modernos, representa as práticas e as representações (culturais) das atividades de inte- ração humanas, em diversos contextos, que se apresentam em múltiplas escalas, ora mais fechadas em justezas e singulariza- ções, ora atravessadas e/ou hibridizadas por diversos níveis de combinações e contaminações.

Sorre (2003) observa as culturas contemporâneas como mistas em virtudes das diversas imbricações culturais e do plano cosmopolita do modo de vida urbano, uma vez que esse modo de vida é complexificado por múltiplas existências não-locais (CLARK, 1991). Feathertone (1995) evidencia a formação de ‘terceiras culturas’, como produto das misturas e imbricações culturais no plano urbano cosmopolita. O resul- tado disso são práticas e representações culturais híbridas que mantêm as territorializações simbólicas, cujas materialidades ocorrem pelo agrupamento de sujeitos em um ‘canto’ ou um ‘pedaço’ da cidade, no qual a expressão é o corpo.

Ocorre então uma multiterritorialidade cultural (HAESBAERT, 2004) no espaço geográfico urbano, no qual esse fenômeno é representado pelo caráter híbrido, efêmero e mutante das identidades e das práticas culturais dos sujeitos que vivem as cidades. Tais identidades e práticas se materializam em microterritorializações também efêmeras, mais sutilmente demarcadas, cujos traços visíveis, ou da construção das paisagens culturais, vinculam-se mais a existência da agregação dos corpos. Essas agregações alteram pequenas partes da forma urbana produzida e, ao mesmo tempo, se vinculam ao interesse estabelecido no 'aqui e agora' (MAFFESOLI, 2002) dos acontecimentos. As representações referentes às práticas e aos acontecimentos, por mais efêmeros que sejam, empreendem um caráter multiterritorial da agregação e da microapropriação espacial (uma rua, um bar, uma praça ou um pequeno pedaço de tudo isso), pois elas trazem consigo aquilo que está/é fora do lugar e pertence a domínios não-locais, condição do cosmopolitismo urbano (mídias em geral e migrações). As práticas reafirmam essas representações ou as transformam fazendo retornar a justeza cultural local, tornando elas não mais aquele sintoma fora do lugar e também não totalmente o lugar, mas com expressão nova e singular do lugar. A configuração nova das práticas culturais é subjetivada pelos indivíduos que vivem elas, mesmo de forma transitória, no qual produz uma carga simbólica que fica impregnada e transforma-se em territorialidade, melhor, microterritorialidades efêmeras e abertas a mistura e reforma do simbolismo produzido.

Taylor (apud MATTOS, 2006) observa a questão da justeza da linguagem com a comunidade que a exerce, como se a comunidade fosse um 'pano de fundo' que dá sentido prático a linguagem. A linguagem tem sentido quando é exercida e se relaciona a um contexto, um sentimento, um estado de espírito e aos fundamentos estabelecidos nas práticas culturais. Esse 'pano de fundo' é a territorialidade. Nesse sentido, a linguagem e sua justeza estabelecida pela territorialidade expressa percepções que permitem pensar novas formas de sentimento e nos faz adentrar ao pensamento multicultural.

O estudo dos múltiplos sujeitos, que dão caráter e são possibilitados pelo complexo espaço geográfico urbano, implica adentrarmos ao desafio do pensamento multicultural e esse pensamento se refere à compreensão do outro. A compreensão do outro é um desafio prático ao cotidiano urbano na vivência diária da diversidade cultural e da alteridade e também um esforço teórico importante que deve subsidiar as ciências sociais e as atividades profissionais de educação e gestão, exercícios do professor e do bacharel em Geografia.

Compreender o outro implica numa aventura geográfica pelos territórios praticados e representados por esses outros. Isso implica um esforço de 'olhar com os olhos do outro' conforme nos ensina Bonnemaison (2003). Por outro lado, Gadamer (apud TAYLOR, 2000, p. 165) também nos ensina que o "objetivo da compreensão do outro não deve superar nosso ponto de vista nem fugir dele a fim de 'entrar' no outro". Isso vai de encontro à postura crítica proposta por Taylor (1997), que nega a perspectiva de neutralidade, ou seja, o conhecimento do mundo vivenciado a partir da terceira pessoa ou o sujeito neutro baseado nos padrões da racionalidade e da evidência. Para Taylor (2000) e Mattos (2006, p. 35),

"todos nós dispomos de condições de inteligibilidade de nossa cultura que estão vinculadas a nossa compreensão sobre nossas vidas", assim essas nossas compreensões moldam nossos juízos. É exatamente nisso que temos que prestar atenção e fundar nossos pensamentos, se quisermos estabelecer um diálogo ético com o outro e assim cunhar uma forma de inteligibilidade que funde o 'nós', como resultado da relação sem perdas e de compreensão entre 'eu' e 'outro'. Assim o processo de compreensão do outro envolve uma comparação com minha visão de mundo e de articular os contrastes entre compreensão deles e da minha, refletindo sobre o que me perturba na perspectiva do deles e assim estabelecer o esforço de relativizar os bens que me são caros. O exercício implica a auto-compreensão pelo contraste do outro e isso deve se encaminhar para a alteração da própria auto-compreensão. Fortuna e Silva (2002) argumentam que isso implica uma postura de 'tolerância positiva' de se aventurar no mundo do outro, adentrá-lo, relativizar nosso mundo e apreender aquilo que nos é estranho. Isso implica, então, viver novos territórios, praticá-los e agregar representações e simbolismos estranhos aos meus, produzindo uma nova territorialidade híbrida, ética, não-discriminatória e democrática.

Esse acordo cultural implica a prática geográfica ou o encontro aberto do território e da territorialidade do outro. O método da comparação de Taylor (1997 e 2000) implica a prática social da situação, aqui entendido por nós como significado geográfico. O sujeito somente pode ser compreendido em situação, como o encontro do território de Bonnemaison (2003). Em situação e em lugar apropriado e exercido. Antes de imaginar as representações dos sujeitos devemos descobrir, na situação, suas necessidades corporais e práticas. As práticas dos sujeitos fundamentam suas representações e por elas podemos nos envolver de suas culturas e assim comparar e relativizar com/a nossa. Também é importante na comparação entre culturas o esforço da conciliação de bens e a não depreciação dos mesmos. Isso faz emergir a radical postura democrática.

Pensamos que esta deva ser uma proposta válida para entender as diversas condições de sujeitos orientados para o mesmo sexo na atualidade. Dessa forma, as pesquisas em ciências humanas a respeito do homoerotismo e a condição dos sujeitos deveriam atentar as seguintes questões:

- a) A diversidade de formas de interações (formas/situações de contatos, comportamentos nos contatos e as práticas interativas estabelecidas) dos sujeitos homoeróticos.
- b) Estas interações homoeróticas apresentam-se em relação à dialética entre a 'justeza', ou seja, o 'aqui' e 'agora' do acontecimento que é único, e o 'híbrido', ou seja, as diversas contaminações externas ao acontecimento, que se referem aos elementos que compõe a complexidade subjetiva dos sujeitos que são objetivadas nas interações (a carga das identificações produzidas por ele e nele).
- c) A dialética entre justeza e híbrido ocorre no contexto interativo, ou seja, no tempo-espaço do acontecimento. Assim se processa numa produção (micro)territorial, que possibilita a existência concreta da interação. Encontrar a microterritorialização da interação homoerótica é possi-

bilitar adentrar-se a expressão do que representa a justeza do acontecimento e das contaminações que o torna uma forma/processo híbrida.

**d)** A microterritorialização é a expressão dos atributos da interação homoerótica. Por ela perpassam aspectos da construção consensual estabelecida pelos diferentes indivíduos em interação, ou seja, a cultura (práticas consensualizadas, mesmo que seja uma relação de tempo efêmero), que produz a condição singular do acontecimento, e as concordâncias e discordâncias dos diferentes sujeitos que o compõe. Além do consenso estabelecido ocorrem transversalidades de interesses e representações dos diversos sujeitos que produzem o ato interativo. A microterritorialização deve ser estudada levando-se em conta essa complexidade para se tornar reveladora de aspectos diversos das diversidades de representações dos sujeitos sobre o si, os outros e a sociedade como um todo (suas alegrias, decepções, oportunidade e repressões quanto os desejos homoeróticos, as suas participações por entre agregados sociais homoeróticos e a percepção de sua condição quanto a sociedade em geral).

**e)** Ao estudo da interação homoerótica microterritorializada recorre à atenção, o registro, a contraposição e a aproximação de discursos, formas de expressão, objetivação de interesses, entendimentos sobre o si e os outros, avaliações quanto à interação e o si neste contexto, assim como no contexto amplo da vida em sociedade. O estudo dos discursos e da linguagem interativa estabelecida possibilita estes acessos.

**f)** A isso implica a aventura participativa nas microterritorializações homoeróticas, buscando sempre superar o entendimento sobre os fatos e representações estabelecidas a/nelas. Esta superação implica ir além das explicações dadas por nós como sujeitos pesquisadores e das explicações/representações dadas pelos sujeitos estudados. Isso implica adentrar-se ao cotidiano das práticas e estabelecer uma superação das diferentes tóricas e representações sobre o homoerotismo, assim como a contraposição daquilo que é representado pelos sujeitos em seus discursos e suas práticas interativas estabelecidas na microterritorialização e no além dela. Isso implica proximidade e convivência com a diversidade dos sujeitos, adentrando-se em suas vidas, em suas práticas referentes às afetividades homoeróticas, assim como as não relacionadas a elas; aos seus comportamentos estabelecidos nos contextos de interação homoerótica diversos e em relação aqueles que não exatamente se referem a interações baseadas no homoerotismo.

Adentrar a complexidade de representações sobre o homoerotismo implica em pensar/criticar as condições estabelecidas socialmente no sentido da mudança sobre estes posicionamentos. Essa crítica representa uma crítica social que pode ampliar-se além da especificidade homoerótica e desestruturar as bases conceptivas construídas socialmente. Isso se torna essencialmente importante ao trabalho acadêmico em ciências sociais assim como as pesquisas estabelecidas em instituições de bem-estar social, cujos trabalhos concentram-se

na saúde, no lazer, no trabalho, na cidadania e nos direitos humanos. Pensar e superar as formas genéricas discriminantes e repressoras do pensamento se faz necessário para que as formas representativas dos sujeitos em sociedade sejam complexificadas e as políticas recuperadas tornando-as convergentes as práticas culturais estabelecidas no cotidiano das diversas interações desses sujeitos.

## Notas

1 A sexualidade aqui, como Eros, vai representar a emergência do amor e da afeição como compromisso com o outro, não o outro sendo puro objeto de prazer pulsional, cuja relação tenderia a destruição do objeto desejado.

2 Aqui se apresenta a noção de 'impulso de vida', assim explicada: a ausência do poder supremo do pai faz com que irmãos contenham seus impulsos pela invenção dos tabus, que acabariam preservando a vida numa situação sem regulação suprema dos impulsos de morte.

3 Sexualidade aqui não é pulsão, mas a sublimação da pulsão, transformando-a em comportamento cultural.

4 Temos que entender que o Eros não é somente a contradição entre as pulsões de vida e de morte, mas uma instância que combina as duas e satisfaz ambas. O Eros forte leva à preservação da vida pelo amor em relação ao outro, pela solidariedade, entrega e assistência.

5 O equilíbrio da fusão representativa do Eros seria quebrado, e a balança penderia para a emergência do prazer dos impulsos de morte.

6 A organização da sociedade como modo de manter a promoção do prazer de uns poucos sobre muitos outros.

7 No capitalismo tudo se torna mercadoria: os produtos do mercado e o mercado de corpos, de paisagens, de culturas e de ideias. Pela necessidade de maior rentabilidade, o mercado se expande e consome tudo. O capitalismo, assim, apresenta-se também como autodestrutivo, uma vez que o consumo de tudo e de todos pode ser comparado à destruição de tudo e de todos no princípio de nirvana.

8 Poder significa, assim, também prazer.

9 Imperativo do trabalho e do esforço/sofrimento no presente para construção do futuro melhor: típico discurso da razão moderna e do progresso.

10 O ego narcisista pelo qual fluíem, pelo auto-erotismo, os impulsos/prazeres ao mundo real.

11 Para a inserção de modelos abstratos carregados de controle disciplinar, que exploram o discurso do progresso e da modernização.

12 Pelas próprias necessidades de reprodução de capital o consumo tornam-se muito variáveis, e a sua geração está carregada de estratégias que se vinculam ao desejo que foge a razão.

13 Pela diversidade de tipos e contextos de relações sociais originadas pela diversidade de funções urbanas e pela variabilidade de culturas que circulam, em virtude da polarização populacional que ela exerce.



## Referências

- ARENDETT, Hannah. **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83 - 131.
- BRAGA JUNIOR, Luiz Fernando Lima. **Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo**. 2006. Tese (Doutorado em Literatura). Pós – Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Benhur Pinós da. **Por uma Geografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre – RS.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre Geografia e homoerotismo: representações e territorialidades. In: SERPA, Angelo. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EdUFBA, 2008. p. 355 – 390.
- \_\_\_\_\_. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre – RS.
- COSTA, Benhur Pinós da; HEIDRICH, Alvaro. A condição dialética de produção do espaço social: microterritorializações (culturais) urbanas “a favor” e “contra” a sociedade. In: KOSSEL, Salete; SILVA, Josue da Costa; SYLVIO, Fausto Gil. (orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Imagem, 2007. p. 80 - 113.
- COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- CLARK, David. **Introdução à Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1985.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972-1990**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DUNCAN, James. O supra-orgânico na Geografia Cultural americana. In: CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.
- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: SESC - Studio Nobel, 1995.
- FORTUNA, Carlos; SILVA, Augusto Santos. A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SANTOS, Boaventura de Souza. (org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cor-  
tez, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Identidade e modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. vol. 9, nº 2, p. 541 – 553, 2001.
- MADAME SATÁ. Direção: Karim Aïnouz. Produção: Isabel Diegues, Maurício Andrade Ramos e Walter Salles. Intérpretes: Lázaro Ramos, Marcélia Cartaxo, Flávio Bauraquí, Renata Sorah, Ricardo Blat, entre outros. Roteiro: Karim Aïnouz. Música: Marcos Suzano e Sacha Amback. Brasil, 2002. Distribuição: Lumière.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MATTOS, Patrícia. **A sociologia política do reconhecimento: as contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser**. São Paulo: Annablume, 2006.
- MOTT, Luiz. **O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição**. Rio de Janeiro: Papyrus, 1988.
- \_\_\_\_\_. A revolução homossexual: o poder de um mito”. Revista da USP, nº 49, p. 40 - 59, 2001.
- \_\_\_\_\_. A etno-história da homossexualidade na América Latina. In: **Seminário-Taller de História de la Mentalidades y los Imaginarios**, Pontificia Universidad Javerina de

Bogotá, Colômbia, Departamento de História e Geografia, 22-26/8/1994 <[www.ufpel.tche.br/ich/ndh/downloads/Luiz\\_Mott\\_Volume\\_04.pdf](http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/downloads/Luiz_Mott_Volume_04.pdf)>. Data de acesso: 15 de janeiro de 2010.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 17-38..

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. São Paulo: Record, 2002.

PRATA, Maria Regina dos Santos. Da norma disciplinar à iniciativa: os processos subjetivos e os parâmetros normativos contemporâneos. In: PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. (org.). **Formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004. p. 37 – 68.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Território**. N nº 6, p. 5 - 20, jan./jun., 1999.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público. As tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SORRE, Maximilien. A noção de Gênero de Vida e seu valor atual. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 15 – 62.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. **Argumentos filosóficos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

WALLERSTEIN, Immanuel. As agonias do liberalismo: as esperanças para o progresso. In: SADER, Emir (org.). **O mundo depois da queda**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 31 – 50.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

Recebido em 9 de agosto de 2009.

Aceito em 15 de dezembro de 2009.